

AS RAÍZES DO AUTISMO

Cláudia Sousa Reis, Alzira Silva

Departamento de Psiquiatria e Saúde Mental, Unidade Local de Saúde São João, Porto, Portugal.
Faculdade de Medicina da Universidade do Porto, Porto, Portugal.



XV Congresso Internacional
de História da Loucura,
Psiquiatria e Saúde Mental

VII Simpósio Internacional
Mulheres e Loucura

INTRODUÇÃO

Estudos recentes estimam que 1 em cada 36 crianças tenha o diagnóstico de Perturbação do Espectro do Autismo (PEA).

Os critérios de diagnóstico do DSM-5-TR incluem dificuldades na interação social e na comunicação, comportamentos e interesses repetitivos e restritos e sensibilidades sensoriais. Estes sintomas estão presentes desde a primeira infância e limitam ou comprometem o funcionamento do dia-a-dia. Porque as manifestações da perturbação variam muito dependendo da gravidade da condição autística, nível de desenvolvimento e idade cronológica, fala-se num espectro.

É uma condição altamente hereditária que, teoricamente, afeta o “sucesso reprodutivo”, contudo é relativamente prevalente, desafiando a ideia de que consista meramente num “erro de produção” ou disfunção. → **Paradoxo Evolutivo**

OBJETIVO

Compreender a perspectiva das ciências evolucionistas acerca do Autismo.

METODOLOGIA

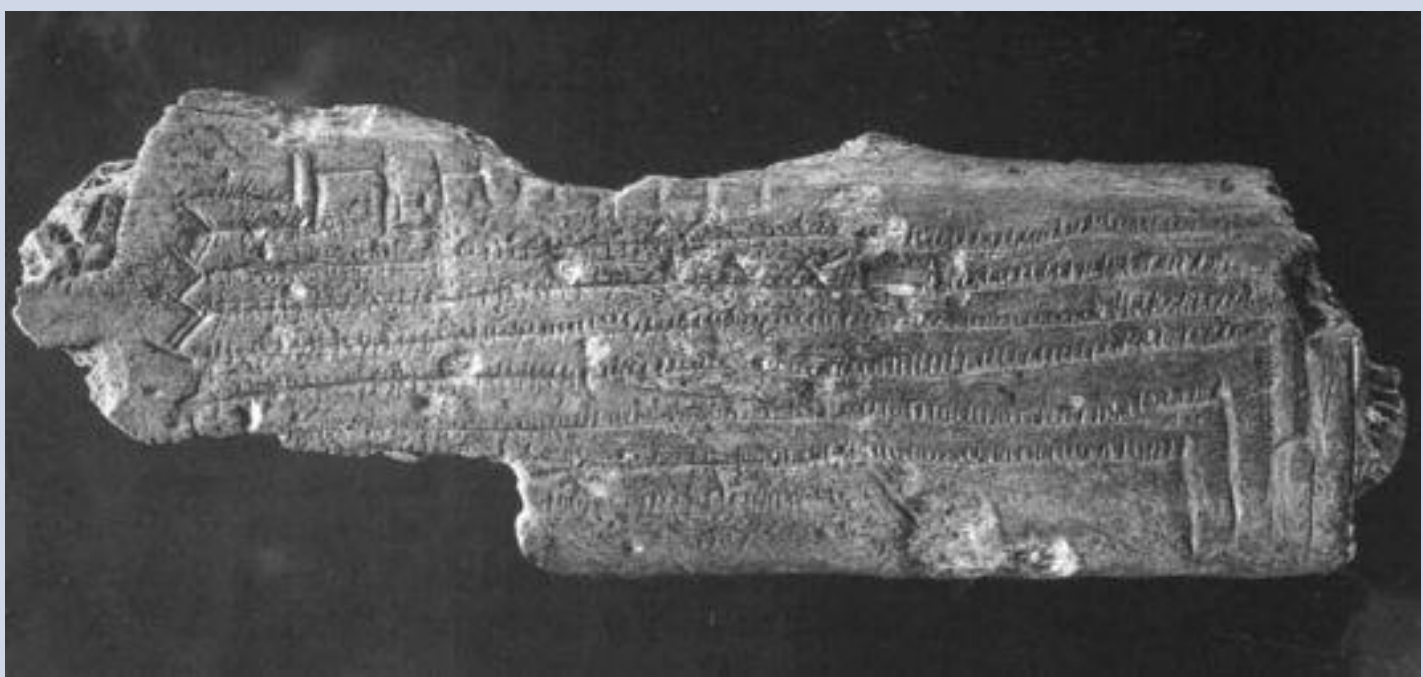
Pesquisa na internet e revisão dos artigos relevantes e sumarização dos achados.

REFERÊNCIAS: Procyshyn, T. L., Tsompanidis, A., & Baron-Cohen, S. (2024). Embracing evolutionary theories of autism: Implications for psychiatry. *Acta psychiatrica Scandinavica*, 149(2), 85–87. <https://doi.org/10.1111/acps.13653> | Goldberg H. Unraveling Neurodiversity: Insights from Neuroscientific Perspectives. *Encyclopedia*. 2023; 3(3):972–980. <https://doi.org/10.3390/encyclopedia3030070> | Spikins, P., Wright, B., & Hodgson, D. (2016). Are there alternative adaptive strategies to human pro-sociality? The role of collaborative morality in the emergence of personality variation and autistic traits. *Time and Mind*, 9(4), 289–313. <https://doi.org/10.1080/1751696X.2016.1244949> | Spikins, P. (2013). The Stone Age Origins of Autism. *InTech*. doi: 10.5772/53883 | Marshack, A. (1991). The Taï Plaque and Calendrical Notation in the Upper Palaeolithic. *Cambridge Archaeological Journal*, 1(1), 25–61. doi:10.1017/S095977430000024X | De Smedt J, De Cruz H. The role of materialculture in human time representation. *Calendrical systems as extensions of mental timetravel*. *Adaptive Behaviour* 2011; 19, 63–76.

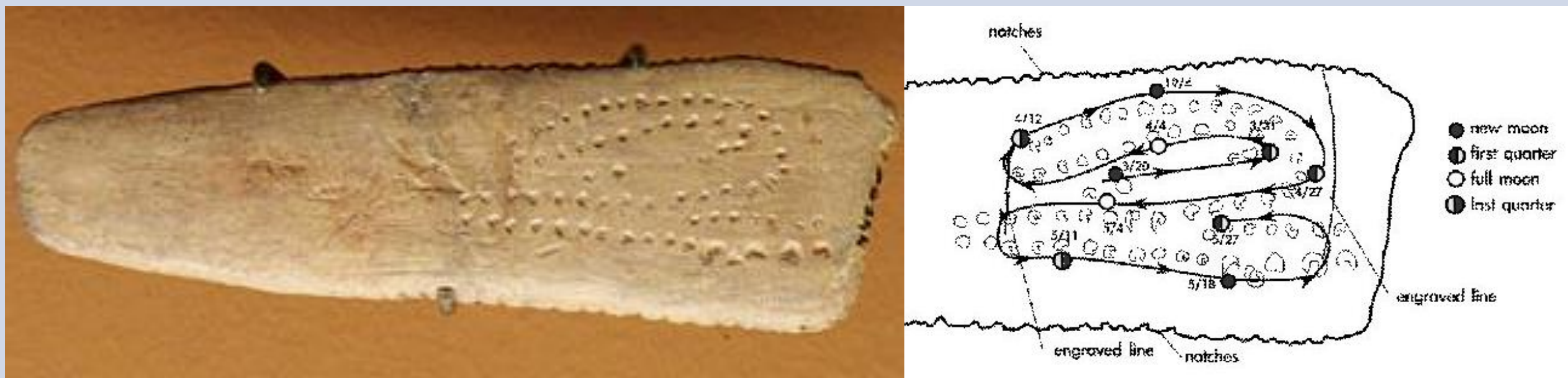
RESULTADOS

Teorias evolucionistas conceptualizam o Autismo como um perfil neurocognitivo especializado, caracterizado por uma compensação entre custos (cognição social) e benefícios (cognição não social). Apoiadas por:

- ✓ O quociente do Espectro do Autismo associa-se com ocupações que requerem elevada capacidade de sistematização;
- ✓ A pontuação de risco poligénico* para PEA associa-se com aspetos específicos da capacidade cognitiva e do desenvolvimento cerebral na população em geral. * Milhares de variantes genéticas contribuem para a probabilidade ter PEA.
- ✓ Existe evidência da seleção positiva de genes relacionados com Autismo. Poderão ter sido adaptativos durante a evolução humana?
- ✓ Elementos arqueológicos, com até 100 mil anos, documentam traços aparentemente autísticos. Surgem de forma irregular, sugerindo que certos momentos/lugares favoreceram a expressão destes traços, nomeadamente ambientes de clima frio e alto risco em que a tecnologia, a inovação seriam mais valorizadas.



The Taï plaque
(Marshack 1991: figure 1, p26.[43]).



The Abri Blanchard plaquette
(De Smedt and Cruz 2011: figure 1).

CONCLUSÕES

Os traços autísticos refletem a diversidade do cérebro humano e podem ter sido adaptativos no passado, em contextos sociais e ambientais diferentes.